
Vilém Flusser e a ditadura militar: os posicionamentos do autor sobre o regime a partir de correspondência com José Bueno entre 1971 e 1975.¹

Tiago da Mota e SILVA²
Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, Manaus, AM.

Resumo

O presente artigo explora os posicionamentos políticos de Vilém Flusser a partir da correspondência que o filósofo tcheco-brasileiro manteve com seu amigo, o advogado José Bueno, principalmente ao longo dos 1971 e 1975. Todavia, a partir desses posicionamentos, o artigo revisita aspectos da obra publicada de Flusser, sobretudo aquela em que o autor se dedica a estabelecer as bases de sua proposta de Teoria da Comunicação: *Kommunikologie* e *Kommunikologie weiter denken*. Com isso, destaca-se como há, em Flusser, uma concepção de política construída a partir de sua comunicologia e em muito moldada pela sua experiência no Brasil durante os anos de chumbo.

Palavras-chave: Correspondência de Vilém Flusser; Vilém Flusser e a ditadura militar; Posicionamentos políticos de Vilém Flusser; Comunicologia da política; Instituto Brasileiro de Filosofia.

Introdução

Em julho, as aldeias ao pé de Luberon têm cheiro de lavanda. Esse pedaço da Provence, na França, é conhecido pelos campos floridos de um lilás forte, sobretudo na época do verão europeu, entre junho e agosto. Foi durante uma parte da primavera e por todo o verão de 1975, entre os meses de maio e agosto, que o filósofo tcheco-brasileiro Vilém Flusser esteve hospedado próximo a Luberon, trinta quilômetros ao norte de Aix e sessenta ao leste de Avignon. Ao longo desse período, a região se tornou a morada de onde Flusser e sua esposa, Edith Barth, puderam comparecer em compromissos diversos. Naquele julho, ele havia palestrado, por exemplo, para médicos e para biólogos sobre o gesto de pesquisar. Em outro seminário, sobre o gesto de publicar. Participou também, no mesmo mês, de um colóquio de fotografia, tratando sobre o gesto de fotografar (FLUSSER, 1975b, p. 76). Já havia três anos que Flusser morava na

¹ Trabalho apresentado no GT - Teorias da Comunicação do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, evento híbrido, tendo uma etapa remota, realizada entre os dias 29 e 31 de agosto de 2023, e uma etapa presencial, entre os dias 05 e 08 de setembro de 2023.

² Doutor em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), bolsista DTI-A no Instituto de Pesquisas da Amazônia (INPA), email: tiagomotasilva@gmail.com.

Europa, após sair do Brasil em 1972. Com essa mudança, o filósofo preparava-se para o que seriam os anos de maior reconhecimento pelos seus trabalhos. Estima-se que, no ano de 1975, Flusser estava finalizando a redação do livro *Gestos*. Entre 1977 e 1978, escreveu *Kommunikologie*³, livro que concentra a sua proposta de Teoria da Comunicação. E, ao longo dos anos 1970, já participava de eventos e discussões nos quais formulava as bases do que, mais tarde, se tornou sua obra mais conhecida, *Für eine Philosophie der Fotografie*⁴, publicado na Alemanha, em 1983. Não à toa, em carta de 10 de outubro de 1972 endereçada a seu amigo, o advogado José Bueno, Flusser compartilhou como se sentia “mais equilibrado” em solo europeu em comparação ao que vivia no Brasil:

Uma coisa é certa: estou mais equilibrado nos meus pensamentos. Dou ênfase mais bem distribuída às dimensões estéticas, éticas (políticas), filosóficas e religiosas dos problemas que me preocupam. Embora continue perplexo perante eles, não sou tão desesperado.

[...]

Há um clima patológico (alienado), que banha todas as coisas em S. Paulo, seja eufórico, seja fossal, e este clima está se dissipando no meu pensamento (FLUSSER, 1972a, p. 4).

A carta em questão é apenas uma na longa troca remissiva que Flusser manteve com Bueno. Toda essa documentação está presente no Arquivo Vilém Flusser São Paulo⁵, que abriga um total de 2500 textos do autor. Apenas em relação às trocas com José Bueno, há um total de quatro pastas arquivadas, que somam cerca de 300 páginas de cartas que datam desde 1971, às véspera da partida de Flusser para a Europa, até o ano de 1990. Foi com Bueno com quem Flusser sentiu-se à vontade para revelar sobre algumas de suas angústias, sobre aspectos do seu processo de escrita e, principalmente, para discutir a situação brasileira, a ditadura militar e suas posições políticas.

³ *Kommunikologie* foi apenas publicado postumamente, na Alemanha, em 1998. No Brasil, ainda não recebeu uma edição. Todavia, foi recentemente publicado nos Estados Unidos, em inglês, em dezembro de 2022.

⁴ No Brasil, o livro foi publicado em 1985 com o título *Filosofia da Caixa Preta; Ensaios para uma Filosofia da Fotografia*.

⁵ O Arquivo em São Paulo está aberto ao público desde 2016. A iniciativa de trazê-lo à capital paulista veio a partir da concordância de Edith Flusser e do acordo consolidada em 2012 entre o Prof. Dr. Norval Baitello Junior, o diretor do arquivo em Berlim, Prof. Dr. Siegfried Zielinski, e o reitor da Universidade das Artes, onde o Arquivo também se situa, Prof. Dr. Martin Rennert. Atualmente o arquivo é dirigido por Baitello e pelos professores doutores Alex Florian Heilmair e Diogo Andrade Bornhausen.

O presente artigo explora uma seleção destas cartas, especificamente aquelas em que os dois amigos discutem a ditadura militar brasileira. A pesquisa começou com uma leitura fluante dos documentos que delimitou alguns eixos temáticos presentes nas trocas. Muitos foram os assuntos tratados por ambos: o escândalo de Watergate, a crise do petróleo, o socialismo, a queda do muro de Berlim, as revoltas panafricanistas e panarabistas, o Clube de Roma e a ecologia... são tantos que o esforço em resumi-los a um artigo seria, no mínimo, simplificador⁶. Mas o Brasil era o principal tópico de discussão, principalmente nas cartas entre 1971 e 1975, período de uma crescente repressão política no país que vinha desde a publicação do AI-5, em 1968, e de altas taxas de crescimento de seu produto interno bruto (PIB)⁷.

Ao dar ênfase às opiniões de Flusser sobre o regime militar brasileiro, o objetivo deste estudo é abrir alguns caminhos para o exame da dimensão política de sua obra. Mais comumente reconhecido ora pelos seus escritos sobre a técnica e a tecnologia, na sua fase europeia, ou sobre as artes e a religião, em sua fase brasileira, Flusser deixou também uma compreensão autêntica e original de política, sobretudo um conceito de política definido no âmbito de sua Teoria da Comunicação. As cartas, porém, colaboram com elementos das experiências do autor que ajudam a dar vida às suas concepções.

Mas há também uma segunda tarefa deste artigo, talvez a mais importante: em seu tempo, muito devido às pessoas com quem estava associado, havia nos círculos intelectuais de São Paulo a impressão de que Flusser era um reacionário, possivelmente simpático ao regime militar ou, ao menos, conivente a ele⁸. Em seus ensaios, artigos, conferências ou cursos, não há trechos em que o autor se posicione ou ao menos dê indícios de qual seria sua opinião sobre o regime. Resgatar essas cartas, portanto,

⁶ Por esse motivo, temos publicado outros artigos que abordam diferentes aspectos desta mesma correspondência (SILVA, 2021) (SILVA; BAITELLO JR., 2020) (SILVA; RACY, 2020).

⁷ Entre 1968 e 1974, o PIB brasileiro registrou altas que variaram de 9% até a 11% ao ano. Sob o governo de Ernesto Geisel, a ditadura militar comemorava o crescimento e perseguia opositores praticando prisões arbitrárias, cassações, expurgos, tortura, execuções, desaparecimento de cadáveres e até mesmo atentados com bomba.

⁸ A título de curiosidade, Olavo de Carvalho chegou a citar Vilém Flusser e revelou sua admiração por ele em aula, conforme vê-se em trecho disponível no Youtube (<https://www.youtube.com/watch?v=ECJRZtD-ybw>).

também é um esforço em preencher o que parece ser uma lacuna no conhecimento que temos de sua vida e de sua obra.

Das divergências com Bueno

Já na Europa, mesmo que mais equilibrado, Flusser debatia sobre os problemas brasileiros com José Bueno. De uma forte moral católica, Bueno era um remanescente de um Brasil rural e religioso, mas morava em uma São Paulo crescentemente industrial e consumista. Em sua autobiografia, Flusser (2007, p. 166) dedica um de seus capítulos a um perfil do amigo, no qual Bueno é descrito pelo filósofo como alguém desiludido, tomado por um imobilismo e resistente a qualquer mudança.

Foi durante sua estadia em Luberon, em 1975, que um desses desentendimentos levou a um intervalo em que os dois deixaram de trocar cartas. Em 26 de julho de 1974, Flusser escreve ao amigo, preocupado com seus relatos de tristeza profunda, convidando-o para que se encontrassem em Paris (FLUSSER, 1974a, p. 64), e Bueno aceitou seu convite (BUENO, 1974a, p. 65). As cartas não revelam quais foram os assuntos de suas conversas no período em que estiveram juntos, mas Bueno volta a escrever para Flusser, já em São Paulo, em carta de 11 de novembro. Nela, ele menciona estar “vagarosamente voltando” a sua rotina, “interrompida pelos acidentes intelectuais e emocionais da viagem” (BUENO, 1974b, p. 62). Mas não quis se estender sobre esses tais acidentes, confiando que Flusser soubesse do que estava falando. Logo mudou de assunto, e disse estar surpreso, ao chegar no Brasil, com a “paixão com que aqui se debate as eleições para o senado e a câmara” (Idem), passando a descrever para Flusser o cenário político eleitoral brasileiro. O filósofo dedicou-se a responder a carta do amigo em 22 de novembro, quase como se não quisesse se alongar no assunto das eleições, mas pontuando algumas de suas leituras. O que interessava, para Flusser, era saber como José Bueno estava: “qual o efeito de tua viagem sobre a tua visão das coisas? Quais as novidades com nossos amigos depois de sua troca de ideias e relato sobre nós?”, escreveu (FLUSSER, 1974b, p. 65) referindo-se às amizades que guardavam em comum. “Não preciso dizer da nossa saudades. A oportunidade de estar com vocês nos enriqueceu e a separação impiedosa nos entristeceu” (Idem).

Um novo contato por parte de Bueno só ocorreu em carta com extensão de quatro páginas datilografadas datada de 3 de janeiro de 1975 em que ele se esquivava de lidar com as perguntas de Flusser. Primeiramente, pede desculpas pela demora em responder à última mensagem, justificando-se: “A viagem à Europa e o longo contato que tivemos levou-me a rever muitas de minhas posições como também e sobretudo repensar nossas relações e dissensões” (BUENO, 1975a, p. 66). Em seguida, Bueno se dedicou exclusivamente a falar sobre as eleições para o legislativo de 1974, que àquela altura já havia sido encerrada, e sobre a ditadura, discordando das poucas considerações que Flusser havia feito anteriormente. Ainda em janeiro, no dia 21, Flusser redige carta de igual extensão, imediatamente após ter lido a mensagem de Bueno, tamanha a sua “justa ira” (FLUSSER, 1975a, p. 70) diante de algumas insinuações que lhe foram feitas. “Você diz que está revendo suas posições, mas a carta revela o contrário: estas recaindo nas antigas. A tua viagem não concedeu aberturas: pelo contrário, re-encerrou-te”. (Idem) A discussão entre os dois se estendeu em mais duas cartas, ao longo de março, mas Bueno deixou de escrever ao amigo. Já em Luberon, no auge do verão europeu, Flusser sente falta das trocas entre os dois e tenta em, 10 de julho, retomar o contato.

As duas migrações de Vilém Flusser

Vilém Flusser nasceu em 12 de maio de 1920, em Praga, proveniente de uma família de intelectuais judeus. Seu pai, Gustav Flusser, era físico, matemático e foi professor da Universidade Carolina de Praga, além de membro do Partido Social-Democrata. Na juventude, Vilém chegou a cursar dois semestres de Filosofia, na mesma universidade em que seu pai lecionava. Mas seus estudos tiveram de ser interrompidos em 1938, ano em que a Alemanha nazista tomou o controle de seu país, inclusive com apoio da população local. Em 1939, ele e Edith, ainda noivos, fogem e se estabelecem em Londres. No ano seguinte, em 1940, emigraram para o Brasil com a família de Edith. Chegando ao porto no Rio de Janeiro, Flusser descobre que seus pais, irmã e avós foram mortos em campos de concentração. Em Buchenwald, foi preso e morto o seu pai e, em Theresienstadt, morreram os avós, a mãe e a irmã.

No Brasil, Flusser procurou continuar seus estudos em Filosofia de maneira independente, mas não chegou a concluir a graduação. Já nos anos 1950, passou a se dedicar à escrita de suas primeiras obras, mas encontrou dificuldades em adentrar na

vida intelectual brasileira muito devido à falta de um diploma. A primeira oportunidade nesse sentido veio nos anos 1960 por meio de sua amizade com Milton Vargas (1914-2011), professor da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo (USP). Vargas foi um dos fundadores do Instituto Brasileiro de Filosofia (IBF), onde Flusser lecionou cursos e publicou ensaios na revista do Instituto por sua indicação. Lá, ele estreitou laços com outros amigos com quem manteve intensa troca remissiva: com o filósofo Vicente Ferreira da Silva (1916-63) e sua esposa, Dora (1918-2006), com o jurista Miguel Reale (1910-2006) e, é claro, com José Bueno.

Flusser fugiu de uma guerra e, no Brasil, encontrou-se em outra. Em 31 de março de 1964, o então presidente João Goulart foi deposto por militares, iniciando um regime que só chegaria ao fim em 1985, após anos de perseguições e assassinatos de opositores⁹. E nessa guerra, o IBF exerceu protagonismo intelectual junto às fileiras das forças reacionárias. Fundado em 1949, em São Paulo, o instituto foi articulado por Miguel Reale, dentre outros, e se tornou o locus do desenvolvimento e disseminação do pensamento conservador no Brasil na segunda metade do século XX. Entre a lista de nomes associados ao IBF estavam, em sua maioria, autores conservadores, pensadores católicos e ex-integralistas, como era o caso de Reale (GONÇALVES, 2016). A partir de 1964, Reale e o IBF serviram enquanto pólo ideológico pró-regime¹⁰.

Do ponto de vista dos professores universitários que se opunham ao regime, o IBF era encarado como adversário. Dos intelectuais, esperava-se uma posição firme diante da guerra. E era também isso que se esperava de Flusser, conforme ele ganhava reconhecimento por seu trabalho. Então professor do departamento de Filosofia da USP, José Arthur Giannotti (1930-2021) conheceu Flusser e, embora tenha expressado admiração por sua escrita, reconhece que sua relação com o IBF e sua indefinição em

⁹Segundo apuração conduzida pela Comissão Nacional da Verdade, reconheceu-se 434 mortes e desaparecidos pela forças de repressão da ditadura entre 1964 e 1985

¹⁰ Reale, aliás, foi um dos autores da Emenda Constitucional n. 1, de 1969, que consolidou a ditadura. Também escreveu o livro *Os Imperativos da Revolução de Março*, publicado em 1965, enquanto tentativa de defesa jurídica e filosófica do regime. O livro se concentra em dois principais argumentos 1) por um lado, concebe a “revolução” de 64 como um reordenamento jurídico necessário para impedir o avanço eminente de uma revolução proletária; 2) por outro, expande a ordem jurídica de então com o intuito de normatizar a situação autoritária (Apud GONÇALVES, 2016).

termos de posicionamento político foram impeditivos para que houvesse uma aproximação do tcheco-brasileiro aos ambientes universitários¹¹:

[...] ele [Vilém Flusser] tinha a capacidade de não chutar no gol, e nós queríamos placares bem definidos, jogos muito bem ganhos e que, no final da partida, soubéssemos muito bem quem eram os vencedores e quem eram os vencidos. Porque naquele tempo os campos estavam muito bem definidos do ponto de vista ideológico. Embora, como já mencionei, o grupo de intelectuais de São Paulo era muito pequeno e havia uma certa frequência de um em outro. Mas o fato de certas pessoas [no IBF] terem vinculações com o fascismo, com o nazismo e com a direita era um obstáculo que levou a uma separação (MENDES, 2017a).

Ocorre, porém, que existiam sim diferenças substantivas entre Flusser e o posicionamento do IBF em relação à ditadura. E eles eram tão relevantes ao ponto de inclusive. Bueno chegou a debochar de Flusser por reconhecer nele tendências marxistas. “ O comunismo, meu caro Flusser, não é mais nem menos que uma das doutrinas ‘milenárias’ que empolgam os homens de tempos em tempos, e isto você sabe muito bem” (BUENO, 1975b, p. 84), escreveu em carta de 23 de julho de 1975, referindo-se à militância comunista do próprio Flusser, quando jovem, ainda em Praga. Até mesmo com Reale, Flusser expressava sua oposição. Em carta a Flusser de 1º de março de 1974, Reale comentava o perfil dedicado a ele que o amigo havia feito, posteriormente publicado em sua autobiografia *Bodenlos*. No texto, o filósofo admite que Miguel estava certo: não havia condições para que se desse um movimento operário no Brasil, às vésperas de 1964, e, portanto, não poderia existir socialismo no país. Porém, como escreve (2007, p. 181), ele não se dava conta do “terror deste fato”, de que não o proletariado não poderia se emancipar aqui. Para ele, a confiança de Reale na burguesia brasileira o fez optar equivocadamente pelo que lhe parecia o menor dos males: a tecnocracia fascistóide representada pelos militares (FLUSSER, 2007, p. 181). A isto, Miguel respondeu, com os mesmos argumentos em defesa do golpe mesmo passados 10 anos desde aquele 31 março:

A revolução de 64 foi um violento murro na mesa para chamada à realidade crua de um povo que tem de resolver, na ordem das urgências e prioridades, os problemas de natureza primária, sem se aventurar a altos voos que interessam apenas a pequenos grupos que se alimentam de slogans (REALE, 1974, p. 31).

¹¹ Flusser chegou a se candidatar para uma cadeira no departamento de filosofia na USP, porém não foi aceito. Só lecionou na universidade no âmbito da Escola Politécnica, na disciplina de Filosofia da Ciência, que antes era ministrada pelo amigo Milton Vargas, quem lhe indicou para ministrar as aulas.

Este era o clima de São Paulo ao qual Flusser se refere em sua supracitada carta à Bueno de 1972. Mas antes de sua segunda migração, o filósofo também chegou a desabafar com Reale sobre os motivos que o levavam a motivar sua volta à Europa. Em carta de 1º de outubro de 1971, ele se queixava da dificuldade que teve de adentrar o ambiente universitário e lamentou, em tom de despedida, a fase em que se encontrava a sociedade brasileira:

Há mais de vinte anos engajo-me no Brasil, e não tem sido um engajamento fácil. Implicava no abandono ou na superação de muita coisa, por exemplo, da minha ligação à cultura alemã, e, mais penosamente, do meu judaísmo. Mas fui amplamente recompensado. Recompensado por numerosas amizades, (entre as quais a sua tem papel de destaque), e pelos efeitos que meu engajamento teve sobre numerosas pessoas, (principalmente jovens), no campo das artes e do pensamento [...] A sociedade brasileira está em fase histórica na qual um engajamento meu pode ser mais prejudicial que benéfico, já que minha contribuição é a de despertar dúvidas e análises, não entusiasmo para pôr mão à obra (FLUSSER, 1971, p 15).

Sem encontrar propriamente um espaço para suas reflexões, Flusser retorna ao velho continente logo em seguida. Mas há um segundo motivo, talvez até mesmo mais determinante, para esta partida. O mesmo motivo, aliás, que o impedia de assumir publicamente opiniões mais assertivas contra o regime, ou talvez até mesmo de dizê-las entre amigos. Flusser tinha medo que o denunciassem, temia que fosse torturado tal qual foram seus pais, avós e irmã. Herbert Duschenes (1941-2003), cineasta e historiador da arte que assistiu a aulas de Flusser, conta quando o filósofo confessou-lhe seus temores:

Ele [Flusser] tinha um medo profundo de ser preso pela ditadura no Brasil, de ser jogado num campo de concentração, de ser torturado. Ele disse: sou um covarde físico, eu não aguento nenhuma tortura, eu vou ceder o que quiserem, eu vou dizer o que eles quiserem, eu não posso continuar na USP porque não tenho a capacidade de resistir. [...] O medo de Flusser era compreensível. Ele exagerou talvez (aqui não era a Alemanha), mas a história dele inclui o pavor, o medo físico (MENDES, 2017b).

Desenhar a experiência de Flusser no Brasil não se presta apenas ao propósito de satisfazer nossa curiosidade. A maneira como Flusser vivenciou a ditadura militar também compõe, posteriormente, sua proposta de Teoria da Comunicação.

A ditadura como um aparelho

Nas cartas com Flusser, ao menos, Bueno era elogioso com relação à noção de progresso praticada nos anos de chumbo: da construção de hidrelétricas, de rodovias, de

usinas e do crescimento do PIB. Era justamente por desprezar essa noção de progresso que Flusser confrontava o amigo, como neste trecho de carta de 25 de outubro de 1972: “[...] o progresso está aniquilando, pelo menos a curto prazo, toda esperança de um ‘novo homem’, isto é; de uma vida que tenha significado” (FLUSSER, 1972b, p. 4). Flusser insistia para que Bueno abandonasse sua nostalgia e para que pudesse acessar novo sentido – o que se revelou tarefa ingrata.

O “novo homem”¹², a que Flusser se refere, é uma figura mais recorrentemente utilizada pelo autor na fase brasileira de sua obra, anterior portanto à volta para a Europa. Aparece, também, no livro *Fenomenologia do Brasileiro* que, embora tenha sido publicado postumamente em 1994, teve sua redação desenvolvida no início dos anos 1970, no mesmo contexto das trocas com Bueno. Nele, Flusser faz uma crítica da ideologia do progresso que, segundo ele, “imagina o homem como *ente* na natureza, mas não *da* natureza” (FLUSSER, 1998, p. 169), o que encobre a realidade concreta da humanidade e ameaça com catástrofes sociais e ambientais. Todavia, no Brasil, o progresso não deveria ser o “substrato de todo pensar, sonhar e agir” (Idem) como é na Europa, o que colocava o país em uma posicionalidade de conseguir imaginar alternativas a essa ideologia. Porém, a situação histórica brasileira não permitiu que o país tivesse alcançado, para Flusser, “o nível que torna esse delírio evidente” (FLUSSER, 1998, p. 172) Com isso, graças às cartas com Bueno, sabe-se que Flusser estava se referindo à ditadura militar e ao seu ideal de progresso. Com o regime, estava interdita no Brasil qualquer possibilidade desse novo humano se desenvolver com uma nova maneira de dar sentido a sua vida.

Mas a maneira como Flusser escolhe explicar a Bueno, nas cartas, é que merece atenção: o autor faz uma descrição comunicológica da ditadura na ocasião em que o

¹² Essa noção do “novo homem” foi, provavelmente, influenciada pela leitura de Flusser de Ernst Bloch em sua obra *O Princípio da Esperança*, originalmente publicada em 1959. Nela, o filósofo alemão discute sobre o *novum*, ou a possibilidade de que ocorra o radicalmente novo, enquanto categoria que fundamenta a ontologia do ainda-não, de uma realidade por acontecer (BLOCH, 2005, p. 109). Além de mencioná-lo em cartas, Flusser cita a Bloch na sua argumentação sobre o novo no ensaio *The Photograph as Post Industrial Object: An Essay on the Ontological Standing of the Photograph* (1989). Menções a ideia de “Novo homem” também eram comuns nos debates comunistas, como citado no ensaio *Socialismo e o Homem em Cuba*, de Che Guevara (2005).

advogado lhe contava acerca das eleições de 1974¹³. Naquela carta de 11 de novembro, Bueno reportava o quanto o MDB mobilizou uma campanha com argumentos de ruptura com o regime, mas recuou de sua posição ao longo do processo. Flusser responde, em 22 de novembro, relativizando as eleições como um todo e as posições assumidas nela:

(a) a oposição articulou livremente alguns argumentos radicais contra o regime, embora não tenha articulado os argumentos de base. (b) a oposição utilizou tal liberdade de expressão com grande irresponsabilidade. A primeira conclusão implica que existe ampla liberdade de expressão, embora não irrestrita. A segunda implica que tal liberdade é abusada, porque os que a têm sabem que não assumirão a responsabilidade pelas suas convicções em futuro previsível (FLUSSER, 1974b, p. 64).

Portanto, Flusser denunciava as eleições, sabendo que elas não teriam efeito decisivo sobre os destinos do país. Para ele, aquilo era mero “ritual destinado a criar a impressão de haver democracia burguesa” (Idem) e criticava o MDB por se envolver no que ele descreveu como jogo, mantendo as aparências das institucionalidades políticas. Ele ainda continuou argumentando:

O material que você me mandou prova que as eleições tinham função muito mais concreta. Serviam de válvula de escape a forças que se acumulam durante o processo de administração sem *feedback*. Tais forças são potencialmente perigosas para o estabelecimento. São, com efeito, responsáveis pela curta duração de administrações fechadas (fortes) no século 20. Com a válvula de escape tais forças se volatizam, e reforçam o aparelho. A oposição funcionou, pois, como parte integrante do aparelho, e provavelmente muito mais eficiente que não importa que o instrumento de repressão de tais forças. [...] A situação existencial dos opositores me parece ter sido esta: dada a “abertura” concedida pelo aparelho, era racional e eticamente imperativo aproveitar a brecha. Não se davam conta que a brecha era válvula de escape. Sentiam-se livres dentro da abertura, e dentro dos limites da abertura, quando na realidade era exatamente o oposto: teriam sido mais livres se não tivessem funcionando dentro da brecha (FLUSSER, 1974, p. 64-65).

Mais adiante, na mesma carta, Flusser menciona a “sensação subjetiva de liberdade” proporcionada pelas eleições que esconde um “condicionamento objetivo” (Idem). Isto

¹³ A partir da extinção do pluripartidarismo, em 1966, pelo Ato Institucional n.2, só haviam dois partidos no Brasil: o Arena, pró-regime, e o Movimento Democrático Brasileiro, a única força institucionalizada de oposição à ditadura. Em 1974, o MDB disputou eleições para o legislativo e também lançou a candidatura de Ulysses Guimarães contra Ernesto Geisel. Porém, durante o período as eleições para a presidência eram indiretas, isto é, definidas pelos senadores, pelos deputados federais e por representantes das assembleias legislativas estaduais. Como se sabe, Geisel venceu as eleições, mas nas seguintes condições: a maioria dos representantes votantes era da Arena e, além disso, os votos eram nominais e abertos. No total, Geisel recebeu quatrocentos votos contra 76 para Ulysses Guimarães, somando-se ainda os 21 votos em branco (todos de representantes do MDB em protesto às regras do pleito) e seis ausências.

é, a aparência de uma democracia burguesa, pelo procedimento das eleições, disfarçaria o fato concreto da repressão. Desta maneira, a ditadura *funcionava*, inclusive contando com a oposição como válvula para seu funcionamento. A isto, Bueno respondeu na carta de 3 de janeiro de 1975, acusando-o de ter uma noção ingênua de liberdade, pré-maquiavélica, e relativizou a situação brasileira: “O conceito de liberdade é mercurial e por isto vem sendo utilizado por uns e por outros conforme sua conveniência [...]” (BUENO, 1975a, p. 68). A isto Flusser responde com “justa ira”, em 21 de janeiro de 1975:

Liberdade política não precisa de tanta elaboração e sabedoria que você gasta nela, e nem precisa ser pesquisada até Machiavello. Está na cara e é insofismável. Quem a cerca de tanta saliva é que sabe que está defendendo posição indefensável. A liberdade política é um clima que se respira ou não respira, e não deixa margem a dúvida. É a situação na qual a gente diz o que bem entende sem ter medo, na qual a gente não tem medo de farda, na qual a gente não “respeita” funcionários, em suma: na qual a gente assume dono da coisa pública, e não receptor dos benefícios que a coisa pública generosamente confere (FLUSSER, 1975a, p. 70).

Essa troca de cartas aponta, ao mesmo tempo, para a realização das duas tarefas deste artigo. Primeiro, nota-se como a crítica à ditadura militar de Flusser é articulada por meio de alguns de seus conceitos mais conhecidos, que só seriam introduzidos e amplamente divulgados com o livro *Filosofia da Caixa Preta*: as noções de aparelho e de funcionário. Segundamente, ficam evidenciadas as posições do autor sobre o momento que viveu, algo que até então não estava claro em sua biografia.

A Comunicologia entre epistemologias em disputa

Por “comunicologia”, refere-se, principalmente, aos escritos do autor em sua fase europeia, embora elementos de uma teoria da comunicação estejam distribuídos por toda sua volumosa obra. De todo modo, a sua proposta de uma teoria da comunicação está organizada em dois livros: *Kommunikologie* e *Kommunikologie weiter denken*¹⁴. Embora seja seu livro mais conhecido, *Filosofia da Caixa Preta* é um estudo da comunicologia aplicada à fotografia, que condensa de maneira mais didática alguns de

¹⁴ O livro contém um curso ministrado por Flusser na Universidade de Bochum, na Alemanha, em 1991, apenas este publicado no Brasil com o título *Comunicologia: reflexões sobre o futuro*.

seus principais pontos ao mesmo tempo em que expande o conceito de *aparelho* como forma de pensar tecnologias de informação.

Tal qual na situação autoritária brasileira que exigia certos posicionamentos de seus partícipes, a teoria da comunicação de Flusser também foi formulada em um período de tensão entre correntes. Flusser encontrou na Comunicação um campo de estudos recém-nascido e convidativo. Como o próprio termo *comunicação* se apresenta como uma categoria fluida e aberta, que por princípio não pertenceria a uma disciplina científica apenas (RUDIGER, 2023, p. 18), a jovem ciência da comunicação apontava para uma tendência inicial de tornar-se um campo interdisciplinar de pesquisas vocacionadas a serem multiplicadoras de compreensões, com diversos desdobramentos categoriais sobre os fenômenos comunicativos humanos. Todavia, concomitantemente, revelou-se também para esta ciência uma segunda tendência: a de formação de centros de preparo técnico para o exercício de profissões específicas relacionadas ao que se chama de mídias. Nesta segunda tendência, o termo *comunicação* se restringe, ganhando uma conotação estratégica relacionada a uma paisagem euro-americana urbana e industrial, com maior necessidade de coordenação e com acentuados conflitos gerados por abismos de desigualdades socioeconômicas (FERRARA, 2016, p. 66). Com isso, o fenômeno da comunicação -- isto é, o modo como ele aparece para a teoria -- é perseguido em seu caráter transmissivo (FERRARA, 2018, p. 28), tendo a informação como seu conceito central.

Há, então, um entusiasmo ao redor de um paradigma comunicacional voltado à noção de informação e à valorização da técnica que alcançou seu auge com a cibernética, de Norbert Wiener, ao longo dos anos 1970 e 80. Por outro lado, também surge um movimento de contestação a essa compreensão, um caminho epistemológico crítico, que identificava a racionalidade técnica à racionalidade da dominação e à exploração comercial dos meios de comunicação (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 100). E eis que Flusser escreve sua *Comunicologia* justamente no momento em que se esperava da teoria uma posicionamento não apenas diante das tecnologias da informação, *per se*, mas em como o fenômeno comunicativo -- todo ele entrelaçado por mídias -- deveria ser descrito e por quais categorias de análise.

Por um lado, a Comunicologia de Flusser compartilha de um entusiasmo ciberneticista¹⁵, em parte pelo uso de uma gramática que também dá ênfase para o conceito de informação. Todavia, conforme explica Heilmair (2012, p. 29), o conceito e trabalhado por Flusser de duas formas: a primeira, de uma perspectiva informática, mais focada na transmissibilidade de informações; enquanto na segunda, “informar significa imprimir forma sobre a matéria, isto é, formar a matéria para que apareça” (Idem). Esta segunda ênfase traz para a Comunicologia uma mudança no foco de análise: em vez de pensar os objetivos da comunicação, do ponto de vista estratégico, ou os objetos da comunicação, de uma ponto de partida materialista, Flusser busca discutir a *intencionalidade*¹⁶ da Comunicação. Isto é, em um momento histórico tão marcado por um ideal de progresso, ao redor do qual se coletavam situações e oposições, a comunicologia flusseriana se posiciona entre epistemologias em conflito com a tarefa de reinsserir o humano na teoria de modo a buscar entender como inúmeras intencionalidades diferentes podem produzir aparições distintas do fenômeno comunicativo. Em suma, a comunicologia de Flusser não busca referir-se à comunicação de maneira acerta¹⁷, mas é uma teoria que se direciona para a própria possibilidade da comunicação que não se dá espontaneamente, a partir da simples disposição de objetos, mas a partir da intenção de alguém que ativamente propõe-se a comunicar, como em uma tarefa que realiza e por ela tem responsabilidade.

Em *Kommunikologie*, Flusser (2022, p. 26) oferece uma conceituação sintética: “A comunicação humana é a arte de acumular informação adquirida”. Aqui, o conceito de informação pode ser lido das duas maneiras, a informática e a fenomenológica. Ambas as leituras estão corretas, mas se o foco se concentra demais na primeira leitura,

¹⁵ Dentre os amigos de Vilém Flusser estava também o engenheiro elétrico Abraham Moles (1920-92), fundador do Instituto de Psicologia da Comunicação Social, conhecido como Escola de Estrasburgo. Moles escreveu o prefácio de *A Mathematical Theory of Communication*, de Shannon e Weaver. O estudo da correspondência entre Moles e Flusser, realizado por Rainer Guldin (2020), demonstra a amizade entre os dois e fundamenta a afirmação de que a participação de Flusser no entusiasmo ciberneticista se deu, também, pela intensidade da interlocução que desenvolveu, por exemplo, com Moles.

¹⁶ Por intencionalidade, retomasse uma das principais referências de Flusser, Edmund Husserl, e sua fenomenologia. Em suas discussões sobre a ideia da fenomenologia, o conceito de *intentionale Leitung* (ou “guia intencional”, no português) é mencionado para discernir relações significativas (HUSSERL, 2002, p. 75).

¹⁷ A primeira lição da fenomenologia husserliana (HUSSERL, 2020, p. 59).

chega-se ao risco de resumir a comunicação humana aos dispositivos que transmitem e armazenam informações. A segunda leitura, no entanto, nos recorda de que toda informação é formulada a partir de uma intencionalidade e, depois, também é acessada, compartilhada e reconfigurada por outras intenções. Já em *Filosofia da Caixa Preta*, o aparelho fotográfico serviu como protótipo para Flusser elaborar essa compreensão. Nele, a noção de *aparelho* é conceituada como “brinquedo que simula um tipo de pensamento” (FLUSSER, 1985, p. 5). Isto é, o aparelho é um dispositivo que lida com informações: recebe *inputs* (luz) e gera *outputs* (imagens). Todavia, o que diferencia um fotógrafo é justamente a sua *intencionalidade*, aquela que busca brincar com o aparelho, rompendo-o em possibilidades criativas ao mesmo tempo em que resiste à restrição que o próprio aparelho traz consigo em sua programação. A imagem resultante disso é uma “superfície significativa” (FLUSSER, 1985, p. 5), projetada não pelo aparelho, mas por alguém que inter-relaciona ideias. O oposto do fotógrafo seria o *funcionário*, aquele que não pode escolher, que age atendendo a prescrições, de modo que obedece o aparelho (FLUSSER, 2002, p. 87) e alimenta seu ciclo de *inputs* e *outputs*. A Comunicologia, portanto, propõe estudar a possibilidade desse brincar, mais imaginado do que definido. Quer saber em quais condições é possível transformar as interações em modos de produzir outras e novas cognições comunicantes. Pergunta-se: de que maneira queremos nos comunicar? Que significações gostaríamos de criar? E o que faremos para criar as condições para isto?

A política na Comunicologia

Mesmo em sua volumosa produção, foram mais raros os momentos em que Flusser se dedica a escrever sobre política de maneira dedicada. No Arquivo Vilém Flusser São Paulo há, porém, um ensaio ainda inédito em que isso ocorre, intitulado *Da politização* (sem data). Nele, o filósofo conceitua o verbo *politizar* de duas maneiras. A primeira delas é informática: tornar pública (publicar, portanto) uma informação privada. Esta definição está em consonância com o conceito de política apresentado por ele, em outro raro momento, no segundo livro da Comunicologia, *Kommunikologie weiter denken*: “Defini política como método graças ao qual informações são transmitidas, em princípio, de geração em geração” (FLUSSER, 2015, p. 201). Ele continua:

Quando me engajo politicamente, quando sou um *bios politikos*, elaboro informações e as exponho no espaço público. [...] A política existe para que aquilo que é elaborado no espaço privado esteja disponível no espaço público, para então ser levado de volta para a casa (Idem).

O que está no cerne da conceituação acima é o entendimento da política como forma de agir comunicacional definido apenas por uma *intencionalidade*: a de querer compartilhar publicamente algo. Portanto, nesta primeira definição, a política é definida enquanto um método específico de comunicar que elabora fluxo de informações entre dois espaços culturalmente elaborados, o público e o privado¹⁸.

Já a segunda maneira de conceituar *politização* é no sentido de formação de um consenso entre pontos de vista, assumindo a perspectiva fenomenológica. No ensaio, o autor utiliza-se da imagem de uma mesa, onde se apoiam os livros, e sobre a qual se estendem diferentes explicações -- do ponto de vista da física, a mesa é um campo eletromagnético e gravitacional praticamente vazio; ou é um produto industrial; ou é obra de arte; ou é símbolo de poder, e assim por diante. Perguntar-se qual é a explicação certa para a mesa acabaria incentivando uma investigação fútil, a não ser que esses pontos de vista sejam “colocados em parênteses” (sem data, p. 2) para que se entenda que a realidade da mesa é o ponto de coincidência -- e, portanto, de conflito -- entre as várias explicações que sobre ela operam. Tudo que sobre a mesa se apoia ou todas as pessoas que se reúnem ao seu redor se torna real em função da mesa, em função daquele objeto que galvaniza a realidade ou que impede que tratemos a realidade como mera virtualidade dentre muitas as explicações. O consenso, portanto, não seria uma concordância rasa entre os muitos diferentes, mas a tarefa de coletar as explicações ao redor de uma realidade, ou de um problema, assumindo ser o problema (a mesa) o ponto de encontro entre as muitas preocupações e demandas. O que restaria da mesa, portanto, é o que o filósofo chamou de “pura intencionalidade” (sem data, p. 2), isto é, o instrumento de análise deveria ser a própria articulação do problema e em quais

¹⁸ Em *Kommunikologie weiter denken*, Flusser estende sua compreensão do que seriam espaços públicos e privados. Em sua concepção, estas noções não seriam metáforas para diferentes esferas onde são formuladas ou armazenadas informações, mas espaços materiais: a rua e a casa. Para Flusser, a invenção da política estaria associada à passagem do mundo nômade para o sedentário, a aproximadamente 7 mil anos antes da era comum, justamente pela distinção do espaço por diferentes propriedades de terra: “Do ponto de vista da comunicação, isso significa que as quatro paredes construídas têm a função de separar dentro e fora. Surge um espaço externo, *pólis*, república, e um espaço interno, *oikia*, *res privata*” (FLUSSER, 2015, p.75).

condições ela se dá, e não mais uma ênfase que recaia sobre o objeto da análise ou sobre o sujeito que analisa.

Na primeira definição, temos uma compreensão baseada na distinção entre o espaço público e o privado. Ela nos sugere um método analítico dos acontecimentos políticos: aquele capaz de metrificar, na forma de pesquisas de opinião por exemplo, o fluxo informacional produzido. Nessa perspectiva, um acontecimento é político se ele apresenta esse intercâmbio de informações, apenas. Mas na segunda definição, a fenomenológica, a distinção entre esses espaços é relativizada e outro método dos acontecimentos é sugerido: aquele que evidencia a dimensão comunicativa da política, de como grupos escolhem dar forma às suas petições, de como gostariam de significar suas necessidades e em quais condições isso pode se dar. A ênfase, portanto, está na articulação em si, na pura intencionalidade, que galvaniza tudo em seu redor, espaços públicos e privados. Politizar, portanto, é discutir as condições nas quais articulamos um problema e imaginar quais seriam as melhores maneiras de fazê-lo. Com isso, Flusser defende uma compreensão de espaços público e privado não definitivamente delineados, estudados menos por suas fronteiras e mais pela qualidade de sua articulação. Propõe, então, outras duas categorias: espaços vitais, nos quais os atos de comunicação intencional podem ocorrer, onde há politização; e os espaços virtuais, aqueles em que as ações estão programadas ou previamente definidas, avesso à politização.

Essas definições -- inclusive de espaços vitais e virtuais -- aparecem muito brevemente nos dois livros da Comunicologia. Todavia, elas fazem parte do conceito de *aparelho*, desde o princípio. Em diferentes momentos, Flusser não oferece uma tecnologia como protótipo do aparelho, mas os campos de concentração nazista. Em *A História do Diabo* (2008), seu primeiro livro publicado, Flusser busca demonstrar como o nazismo submete qualquer projeto existencialista a um maior, monolítico. Em *Pós-História*, Auschwitz é mencionada como modelo para este espaço virtual (FLUSSER, 2011, p. 25). E nas cartas a Bueno, tem-se mais um exemplo do que seria esta situação: a ditadura militar brasileira. Sua crítica ao regime foi comunicológica: um aparelho, que constrange a articulação e, portanto, inviabiliza a politização. Ora, se o conceito de

política for apenas informático, a mera aparência de uma democracia burguesa, por meio de eleições programadas, bastaria para legitimar o regime e a sua “revolução”. Mas, no Brasil, aprendeu-se que o silenciamento da oposição é mais bem-sucedido quando gerido de maneira discreta, com aparência institucional, incorporando-a ao funcionamento do aparelho.

Antes da máquina de fotografar, antes dos dispositivos, portanto, são Auschwitz e a ditadura militar os protótipos do conceito de aparelho. Isto conduz a algumas considerações cruciais: 1) Não se lê Flusser desprezando sua experiência brasileira, visto o quanto ela foi constitutiva de seu pensamento; 2) Há uma dimensão política na Teoria da Comunicação flusseriana que, quando recebida sua devida ênfase, permite revisitar e revitalizar alguns de seus principais conceitos e discussões; 3) Sobretudo porque, sem ela, reduzimos Flusser apenas a um filósofo da técnica, quando sua comunicologia está preocupada e engajada com a intencionalidade da comunicação e em estipular as condições em que se elaboram as cognições comunicantes e as interações coletivas dos espaços vitais -- e a reflexão sobre tecnologias está inserida nesse mesmo esforço.

REFERÊNCIAS

Correspondências

Bueno, J. Correspondência a Vilém Flusser. 29 de agosto de 1974. Cor_17_6-BUENO_3125_JOSE BUENO 1971-1990 1 of 4. Arquivo Vilém Flusser São Paulo, 1974a. Disponível em: http://www.arquivovilemflusser.com.br/vilemflusser/?page_id=926page_id=926. Acesso em 8 de maio de 2023.

_____. Correspondência a Vilém Flusser. 11 de novembro de 1974.. Cor_17_6-BUENO_3125_JOSE BUENO 1971-1990 1 of 4. Arquivo Vilém Flusser São Paulo, 1974b. Disponível em: http://www.arquivovilemflusser.com.br/vilemflusser/?page_id=926page_id=926. Acesso em 8 de maio de 2023.

_____. Correspondência a Vilém Flusser. 03 de janeiro de 1975. Cor_17_6-BUENO_3125_JOSE BUENO 1971-1990 1 of 4. Arquivo Vilém Flusser São Paulo, 1975a. Disponível em: http://www.arquivovilemflusser.com.br/vilemflusser/?page_id=926page_id=926. Acesso em 8 de maio de 2023.

_____. Correspondência a Vilém Flusser. 23 de julho de 1975.
Cor_17_6-BUENO_3125_JOSE BUENO 1971-1990 1 of 4. Arquivo Vilém Flusser São Paulo,
1975b. Disponível em:
http://www.arquivovilemflusser.com.br/vilemflusser/?page_id=926page_id=926. Acesso em
8 de maio de 2023.

FLUSSER, V. Correspondência a Miguel Reale. 1º de outubro de 1971.
Cor_64_INSTITUTO_BRASILEIRO_DE_FILOSOFIA_3 OF 3. Arquivo Vilém Flusser São
Paulo, 1971. 161 Disponível em:
http://www.arquivovilemflusser.com.br/vilemflusser/?page_id=1072. Acesso em: 8 de maio
de 2023.

_____. Correspondência a José Bueno. 10 de outubro de 1972.
Cor_17_6-BUENO_3125_JOSE BUENO 1971-1990 1 of 4. Arquivo Vilém Flusser São Paulo,
1972a. Disponível em:
http://www.arquivovilemflusser.com.br/vilemflusser/?page_id=926page_id=926. Acesso em:
8 de maio de 2023.

_____. Correspondência a José Bueno. 25 de outubro de 1972.
Cor_17_6-BUENO_3125_JOSE BUENO 1971-1990 1 of 4. Arquivo Vilém Flusser São Paulo,
1972b. Disponível em:
http://www.arquivovilemflusser.com.br/vilemflusser/?page_id=926page_id=926. Acesso em:
8 de maio de 2023.

_____. Correspondência a José Bueno. 26 de julho de 1974.
Cor_17_6-BUENO_3125_JOSE BUENO 1971-1990 1 of 4. Arquivo Vilém Flusser São Paulo,
1974a. Disponível em:
http://www.arquivovilemflusser.com.br/vilemflusser/?page_id=926page_id=926. Acesso em:
8 de maio de 2023.

_____. Correspondência a José Bueno. 22 de novembro de 1974.
Cor_17_6-BUENO_3125_JOSE BUENO 1971-1990 1 of 4. Arquivo Vilém Flusser São Paulo,
1974b. Disponível em:
http://www.arquivovilemflusser.com.br/vilemflusser/?page_id=926page_id=926. Acesso em:
8 de maio de 2023.

_____. Correspondência a José Bueno. 21 de janeiro de 1975.
Cor_17_6-BUENO_3125_JOSE BUENO 1971-1990 1 of 4. Arquivo Vilém Flusser São Paulo,
1975a. Disponível em:
http://www.arquivovilemflusser.com.br/vilemflusser/?page_id=926page_id=926. Acesso em:
8 de maio de 2023.

_____. Correspondência a José Bueno. 10 de julho de 1975.
Cor_17_6-BUENO_3125_JOSE BUENO 1971-1990 1 of 4. Arquivo Vilém Flusser São Paulo,
1975b. Disponível em:
http://www.arquivovilemflusser.com.br/vilemflusser/?page_id=926page_id=926. Acesso em:
8 de maio de 2023.

REALE, Miguel. Correspondência a Vilém Flusser. 1º de março de 1974. FLUSSER,
Cor_64_INSTITUTO_BRASILEIRO_DE_FILOSOFIA_3 OF 3. Arquivo Vilém Flusser São
Paulo, 1974. Disponível em:

http://www.arquivovilemflusser.com.br/vilemflusser/?page_id=1072. Acesso em: 8 de maio de 2023.

Outras

ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. *Dialética do Esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

BAITELLO JR., N. *A fotografia e o verme*. São Paulo: Fotô Editorial, 2021.

BLOCH, E. *O princípio esperança, volume 1*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.

GONÇALVES, R. J. M. *A restauração conservadora da filosofia: o Instituto Brasileiro de Filosofia e a autocracia burguesa no Brasil (1949-1968)*. Tese (doutorado em História). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Goiás, 2016.

GUEVARA, C. *Socialism and man in Cuba*. Bogotá: Che Guevara Studies Center and Ocean Press, 2005

GULDIN, R. Vilém Flusser, Abraham Moles e Elisabeth Rohmer-Moles. In: *Santa Barbara Portuguese Studies*, vol. 4, 2020.

FERRARA, L. D. *A outra caixa de Pandora*. In: *Revista Matrizes*. Vol. 10, n. 2, mai./ago., pgs. 61-74, 2016.

_____. *A comunicação que não vemos*. São Paulo: Paulus, 2018.

FLUSSER, V. *Filosofia da Caixa Preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia*. São Paulo: HUCITEC, 1985.

_____. *The photograph as post-industrial object*. ESSAYS 8_ENGLISH-S-T [TAK-THE IMA]. Arquivo Vilém Flusser São Paulo, 1986.

_____. *Fenomenologia do brasileiro*. Rio de Janeiro: Uerj, 1998.

_____. *Bodenlos: uma autobiografia filosófica*. São Paulo: Annablume, 2007.

_____. *A história do diabo*. São Paulo: Annablume, 2008.

_____. *Pós-história: vinte instantâneos e um modo de usar*. São Paulo: Annablume, 2011.

_____. *Comunicologia: reflexões sobre o futuro*. São Paulo: Martins Fontes, 2015.

_____. *Communicology: Mutations in Human Relations?* Stanford: Stanford University Press, 2022.

_____. *Da politização*. ESSAYS 5_PORTUGUESE-D_DA. Arquivo Vilém Flusser São Paulo, sem data.

HEILMAIR, A. F. *O conceito de imagem técnica na comunicologia de Vilém Flusser*. Dissertação (Mestrado em Comunicação em Semiótica). Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2012.

HUSSERL, E A crise da humanidade europeia e a filosofia. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

_____. A ideia de fenomenologia: cinco lições. Petrópolis: Editora Vozes, 2020.

KRAUSE, G. B.; GULDIN, R. O homem sem chão: a biografia de Vilém Flusser. In: Flusser Studies. Vol. 23, jun. 2017.

MENDES, Ricardo. Entrevista com José Giannotti. Youtube, 4 de setembro de 2017a. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TIixfw9dcZk>. Acesso em 8 de maio de 2023.

_____. Entrevista com Herbert Duschene. Youtube, 4 de setembro de 2017b. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WhACq823dd>. Acesso em 8 de maio de 2023.

SILVA, T.M; BAITELLO JR., N.. Flusser, o profeta invertido: a crítica à sociedade de consumo e ao aparelho da ditadura militar em correspondência de Vilém Flusser e José Bueno. In: Revista Intexto. n. 51, UFRGS, 2020.

SILVA, T.M.; RACY, G.. Comunicar-me, o sentido de tudo: as relações ente comunicação, religiosidade e política em correspondência entre Vilém Flusser e José Bueno, entre 1971 e 1974. In: Revista Libero. Ano XXIII, n. 45, jan./jun 2020.

SILVA, T.M. A agonia dos garfos: marxismo e a crise pós-histórica em Flusser a partir de suas correspondências com José Bueno entre 1975 e 1980. In: Anais do VII Congresso Internacional de Comunicação e Cultura: Flusser 101. São Paulo: CISC, 2021.